



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ROSANY ALVES DE LIMA**

**A PERSONAGEM ROMANESCA:  
UMA ANÁLISE DE CONCEIÇÃO DO ROMANCE “O QUINZE” DE  
RACHEL DE QUEIROZ**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2017**

ROSANY ALVES LIMA

A PERSONAGEM ROMANESCA:  
UMA ANÁLISE DE CONCEIÇÃO DO ROMANCE “O QUINZE” DE  
RACHEL DE QUEIROZ

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Humanidades da Universidade Estadual  
da Paraíba, como um dos requisitos para  
obtenção do grau de Licenciatura Plena  
em Letras.

Orientadora: Prof.Ma. Marta Lúcia Nunes

CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732p Lima, Rosany Alves de.  
A personagem romanesca: uma análise de Conceição do Romance O Quinze de Rachel de Queiroz. [manuscrito] : / Rosany Alves de Lima. - 2017.  
24 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.  
"Orientação : Prof. Me. Marta Lúcia Nunes, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Personagem. 2. Romance. 3. Conceição. 4. Análise literária.

21. ed. CDD B869.309

ROSANY ALVES DE LIMA

A PERSONAGEM ROMANESCA:  
UMA ANÁLISE DE CONCEIÇÃO DO ROMANCE “O QUINZE” DE  
RACHEL DE QUEIROZ

BANCA EXAMINADORA

*Marta Lúcia Nunes*

---

Orientadora: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes  
UEPB – CCHA/DLH

*Fábio Pereira Figueiredo*

---

Examinador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo  
UEPB - CCHA/DLH

*Maria Fernandes de Andrade Praxedes*

---

Examinadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
UEPB – CCHA/DLH

APROVADO EM 12 / 12 / 2017

Dedico este trabalho à minha mãe **Rosalina Alves Freitas**, por todos os ensinamentos ao longo da minha vida, por todo amor e carinho, e por não medir esforços para que eu chegasse até aqui. .

## AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre renovar as minhas forças e por ter me permitido chegar até aqui, obrigada, meu Deus, por tudo que faz por mim, sempre ajudando-me a vencer as dificuldades, a passar por todos os obstáculos e a me levantar após uma derrota, tornando-me cada vez mais forte.

À minha mãe, meu tudo, que em todos os momentos ajudou-me, aconselhou-me, acalmou-me, nunca me deixou desistir quando eu achava que não ia conseguir, ensinou-me que apesar das inúmeras pedras que possa surgir no caminho devemos sempre continuar lutando por nossos objetivos, que jamais devemos desistir dos nossos sonhos. Você é minha base, meu alicerce, meu chão, é o amor da minha vida, te amo.

À minha mãe de coração, Zeza, que sempre me motivou, deu-me forças para continuar. Obrigada, por todo o carinho, por todas as vezes que esteve comigo quando eu mais precisava, não tenho palavras para agradecer por tudo que fez e faz por mim, que o Senhor te abençoe infinitamente, te admiro por ser essa pessoa tão amável, um ser tão generoso, te amo.

Aos meus familiares, muito obrigada por todo apoio, por me incentivar sempre. Minhas queridas irmãs, Rosimeire, Roseane, Raiany, meu pai, Raimundo, meus sobrinhos, Camilly, Nicolly e Michel, obrigada por tudo, sei que a minha felicidade nesse momento é a de vocês, obrigada por tudo que fizeram para que eu conseguisse chegar até aqui, amo vocês.

À minha orientadora, Professora Marta, muito obrigada por todos os ensinamentos, puxões de orelhas, por tudo. Tenho uma enorme admiração por esse exemplo de pessoa que tu és, essa mulher batalhadora, inteligente, animada, que contagia a todos com a sua alegria, seja sempre assim. Como dizia Charles Chaplin "Um dia sem rir é um dia desperdiçado". Enfim, muito obrigada, minha querida.

Aos meus amigos, obrigada por todo o apoio, mas não posso deixar de agradecer em especial aos meus melhores, Josicarla, Bruno, Thalison, Talissy, Kelly, Fernanda, Natálha, Wesley, Alex, Fabinho, Marcelo e Ericles. Sei que com vocês posso contar, obrigada por me aguentar durante todos esses anos, por estarem comigo, vou levá-los para sempre em meu coração, mesmo que daqui para frente sigamos caminhos diferentes.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizou a minha formação no ensino superior, quatro anos de muitos ensinamentos, dificuldades, mas que tudo valeu a pena. Em especial aos meus professores que ao longo da minha vida acadêmica contribuíram para enriquecer o meu conhecimento e a Irmão Neto por ser essa pessoa maravilhosa, atenciosa e dedicada, nunca irei esquecê-lo.

## RESUMO

A personagem é capaz de despertar diferentes tipos de reações e emoções nos leitores. Muitas vezes nos deparamos chorando, sorrindo, alegres, tristes, devido ao que está acontecendo com a personagem. É impressionante como um ser que não é real, um ser fictício, tenha a capacidade de nos envolver dessa forma no enredo do romance. Diante disso, o presente artigo propõe-se analisar a construção da personagem Conceição do romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, discutindo a categorização de personagem do romance. Para compreendermos os conceitos de personagem, a tipologia e a construção da personagem Conceição, utilizamos uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa. Desse modo adotamos como suporte teórico para essas discussões: Brait (2006) Candido (2005) Bakhtin (1992) Queiroz (2009) Queiroz (1998), promovendo assim, uma reflexão acerca das definições de personagem e tipologias que caracterizam a personagem Conceição no referido romance.

**Palavras chaves:** Personagem. Romance. Conceição.

## ABSTRACT

The character is able to arouse different types of reactions and emotions in the readers. Many times we find ourselves crying, smiling, happy, sad because of what is happening to the character. It is amazing how a being who is not real, a fictitious being, has the ability to engage us in this way in the plot of the novel. Therefore, the present article proposes to analyze the discourse of the character Conceição of the novel *O Quinze*, by Rachel de Queiroz, discussing the character categorization of the novel. In order to understand the concepts of character, the typology and the discourse of Conception, we use a qualitative bibliographical research. In this way we adopt as theoretical support for these discussions: Brait (2006) Candido (2005) Bakhtin (1992) Queiroz (2009) Queiroz (1998), thus promoting a reflection about the character definitions and typologies that characterize the character Conceição in the mentioned romance.

**Key words:** Character. Romance. Conceição.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>09</b>
1.1 Aspectos relevantes da categoria personagem	09
1.2 A personagem romanesca	13
<b>2 ANÁLISE DA PERSONAGEM CONCEIÇÃO</b>	<b>16</b>
2.1 Autora e obra	16
2.2 Conceição: uma personagem redonda	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

Quando apreciamos um romance logo nos envolvemos com as personagens, sempre criamos afinidade por uma, aquela, na qual, encontramos semelhanças ou atitudes que despertam nossos interesses. Por isso, no momento da construção o autor deve pensar em uma infinidade de elementos para que a personagem, apesar de ser um ser fictício se torne capaz de despertar os mais diversos sentimentos nos leitores.

A personagem será abordada nesse artigo de diferentes formas; como: representação do real da pessoa humana, considerada o critério mais relevante para o romance; como uma representação psicológica, um reflexo da maneira de ser do autor; a personagem como parte do enredo, dependente da estrutura do romance, do conjunto da obra e depois passando a ser um ser de linguagem, com personalidade própria.

Em seguida, iremos analisar o discurso da personagem Conceição do romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz, primeiro romance da autora cearense que retrata a seca e a miséria enfrentada pelo nordestino, passando a história no interior do Ceará. O romance possui duas partes distintas: o amor irrealizado de Conceição e seu primo Vicente e a dura partida da família de Chico Bento da fazenda do Logradouro em busca da sobrevivência.

Conceição, com vinte e dois anos morava em Fortaleza, professora e engajada nas causas sociais, não pensava em casar, algo incomum naquela época. Rachel criou uma personagem à frente do tempo, com ideais socialistas, sem idealizar um amor romântico, mesmo vivendo em uma época que as mulheres eram submetidas ao patriarcalismo, vistas como um ser frágil. A autora quebra esses paradigmas com a criação da personagem Conceição, se tornando uma importante referência para as conquistas femininas.

Diante disso, vamos discutir a categorização de personagem no romance, relacionando o discurso da personagem Conceição com as tipologias de personagem. Para promover essas discussões usaremos como referencial teórico: Brait (2006) Candido (2005) Bahktin (1992) Queiroz (1998) Queiroz (2009). Tais autores nos ajudarão a conduzir as discussões sobre as definições, tipologias e o discurso da personagem Conceição no decorrer do presente artigo.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 ASPECTOS RELEVANTES DA CATEGORIA

A personagem tem o poder de despertar sentimentos e emoções nos leitores. Para aqueles mais apaixonados, que sentem prazer pela leitura, a personagem se torna tão real que ocorre um envolvimento maior por parte dos leitores, como: choram com a morte da personagem, sofrem juntos, se alegram, vivem de uma maneira tão intensa que acabam surpreendidos como a personagem os envolve de forma tão profunda no texto.

Impressionante como o poder da personagem é forte, pois, existem apenas letras impressas no papel, mas que é capaz de despertar as mais diversas emoções, nos mais diferentes tipos de públicos. Como é possível a personagem se tornar tão abrangente na vida dos leitores, com um poder tão forte assim? E acaba surgindo uma confusão terminológica, confundimos a pessoa/ser vivo, com a personagem/ ser ficcional. Segundo o dicionário enciclopédico das ciências da linguagem organizado por Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov:

Uma leitura ingênua dos livros de ficção confunde personagens e pessoas. Chegaram mesmo a escrever “a biografias” de personagens, explorando partes de sua vida ausente do livro (“o que fazia Hamlet durante seus anos de estudos?”). Esquece-se que o problema da personagem é antes de tudo lingüístico, que não existe fora das palavras, que a personagem é “um ser de papel”. Entretanto recusar toda a relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção.’ (OSWALD & TODOROV, 1998)

Percebemos que a personagem é um ser ficcional, porém, não podemos dissociar totalmente a relação entre pessoa/personagem. A personagem representa pessoas com as particularidades específicas da ficção, não podendo escrever sobre a vida da personagem antes da sua existência no livro. Brait (2006) afirma: “O problema da personagem é, antes de tudo, um problema lingüístico, pois a personagem não existe fora das palavras; as personagens representam pessoas, segundo as modalidades próprias da ficção.”

Como foi citado acima, que muitos pesquisadores começaram a estudar a vida das personagens ausente no texto, no entanto, para melhor conhecermos a personagem, precisamos saber o contexto histórico, as características do autor e

quais elementos foram utilizados para traçar, desenvolver a autonomia da personagem no texto. Diante dessa reflexão teórica não podemos deixar de olhar para a Grécia antiga e para os pensadores da época. Brait (2006) afirma:

Dos teóricos conhecidos, Aristóteles é o primeiro a tocar nesse problema. Ao discutir as manifestações da poesia lírica, épica e dramática, esse pensador grego levantou alguns aspectos importantes, que marcaram e marcam até hoje o conceito de personagem e sua função na literatura. (BRAIT, 2006, p.31-32)

No primeiro momento quando discutimos sobre personagem e pessoa, Grécia antiga e Aristóteles, retomamos ao conceito de mimesis Aristotélica, que foi traduzida como imitação do real. Essa comparação feita à personagem como imitação do real, com o passar do tempo foi enfraquecendo, quando vários pesquisadores contemporâneos começaram a estudar o conceito de arte, de mimesis no discurso Aristotélico.

Através desses estudos perceberam que Aristóteles não se preocupava apenas com o que era “imitado” na poesia, mas também com a forma de ser do poema e com os recursos que o poeta utilizou em sua obra. Brait (2016) afirma: “Aristóteles aponta, entre outras coisas, para dois aspectos importantes: a personagem como reflexo da pessoa humana; a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto”.

Por isso, os críticos consideram importante fazermos uma releitura na Poética de Aristóteles para analisarmos o conceito de verossimilhança interna da obra, para que possamos refletir sobre o conceito de personagem, pois durante um longo período acreditamos que a personagem seria uma imitação do real. Aristóteles afirma: “Não é ofício de o poeta narrar o que realmente acontece: é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: O que é impossível, verossímil e necessário. ”

Diante disso, podemos perceber que o mais relevante para Aristóteles é que a poética não precisa mostrar a realidade, mas o que está dentro das possibilidades do poeta, o meio que encontra de traçar a verossimilhança. Dessa forma, podemos estender essas concepções para o conceito de personagem; o autor colocará em suas obras o que a realidade lhe permite, porém, só é possível conseguir através dos recursos utilizados pelo autor para a criação da personagem.

Por volta dos séculos XVIII e XIX a concepção sobre o conceito de personagem de Aristóteles entra em declínio. Surgiu um novo conceito que a personagem é uma representação do psicológico do autor. No final do século XVIII aconteceram várias mudanças e a estética clássica começa a enfraquecer, perdendo sua conformidade e rigidez, nesse período o romance alcança um destaque maior, abrindo espaço para um novo público, para os Burgueses.

Especialmente no século XVIII, o romance entrega-se à análise das paixões e dos sentimentos humanos, à sátira social e política e também às narrativas de intenções filosóficas. Com o advento do romantismo, chega a vez do romance psicológico, da confissão e da "análise de almas", do romance histórico, romance de crítica e análise da realidade social. E é durante a segunda metade do século XIX que o gênero alcança seu apogeu, refinando-se enquanto escritura e articulando as experiências humanas mais diversificadas. (BRAIT, 2006, p. 37)

Com isso, a teoria começa a pesquisar as circunstâncias psicológicas e sociais que envolvem o autor, os mistérios da criação e, por fim, a natureza e a função da personagem. Dessa forma a personagem deixa de ser vista como imitação do real, do mundo exterior e passa a ser vista como reflexo da maneira de ser do escritor, como um ser antropomórfico (cuja forma evoca a de um ser humano). Segundo Brait (2006) "os estudos desenvolvidos durante esse longo período nada mais fazem que reproduzir por prismas diversos a visão antropomórfica da personagem".

Esses conceitos sofrem alterações nas primeiras décadas do século XX, quando a crítica literária se modifica, reabre espaço para o diálogo e começa investigar mais especificamente a narrativa e seus componentes. Segundo Brait (2006) "No que diz especificamente ao romance e a personagem de ficção, é somente com a obra Teoria do Romance, de Gyorgy Lukács, publicada em 1920, que essas questões são retomadas em novas bases".

Lukács, relacionando o romance com a concepção de mundo burguês, encara essa forma narrativa como sendo o lugar de confronto entre herói problemático e o mundo do conformismo e das convenções [...]. Nesse sentido, a forma interior do romance não é senão o percurso desse ser que, a partir da submissão à realidade de significação. Chega à clara consciência de si mesmo. (BRAIT, 2006, p. 39)

Mesmo com todo diálogo oferecido por Lukács para essas questões e com o enfraquecimento dos conceitos de Aristóteles, com tudo isso, a personagem não deixou de depender da figura humana. Na mesma década de 20 aparece um novo crítico chamado E.M.Forster, que veio com intuito de analisar mais detalhadamente o romance e personagem de ficção, se destacou pela forma com qual classificou a personagem.

Sensível à produção literária do momento e tocado possivelmente pelo posicionamento florescente do new criticism, Forster encara a intriga, a história e a personagem como os três elementos estruturais essenciais ao romance e trabalha o ser fictício como sendo um entre os componentes básicos da narrativa. (BRAIT, 2006, p. 40)

Através dessa concepção de Forster, a personagem passou a ser vista em relação aos outros elementos da obra, não apenas como componentes do mundo exterior e, também, trouxe uma classificação para a personagem que foi considerada naquele momento bastante inovadora. Classificando as personagens em flat (plana, tipificada, sem profundidade, psicológica) e round (redonda, complexa, multidimensional).

As personagens, flagradas no sistema que é a obra, podem ser classificadas em planas e redondas. As personagens planas são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa [...].(BRAIT, 2006, p. 40-41)

Essas personagens consideradas planas, o autor as constrói em cima de uma única idéia, são bem simples, não exige tanto do autor, não acontece nenhuma evolução por parte da personagem no decorrer da narrativa. As mesmas podem ser divididas em “tipo e caricatura”, Brait (2006) afirma: “são classificadas como tipo aquelas personagens que alcançam o auge da peculiaridade sem atingir a distorção [...] quando a qualidade ou ideia única é levada ao extremo, provocando uma distorção propositada, a personagem passa a ser caricatura [...]”.

As personagens como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, construindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. (BRAIT, 2006, p. 41)

Como podemos perceber as personagens redondas é o oposto das personagens planas, as redondas são complexas, possuem inúmeras qualidades, faz o leitor se despertar para a leitura, pois serão surpreendidos ao longo da narrativa com as infinitudes de novidades que vão aparecendo no decorrer da obra. Mesmo Forster classificando a personagem, mas não conseguiu se desvincular totalmente personagem/ pessoa humana. No entanto os estudos sobre essa questão não para e outros críticos abordaram o tema.

Edwin Muir, poeta, romancista e crítico inglês, começou analisar os aspectos da estrutura romanesca com a finalidade de dissociar personagem, o romance, da vida real, afirmando que a personagem faz parte do enredo, da estrutura do romance, não dependendo da figura humana. Apesar disso, com todos os aspectos e argumentos para defender a teoria, Muir não conseguiu desunir o ser fictício/pessoa. Só passaremos realmente a enxergar a personagem como ser de linguagem com os formalistas russos em 1916.

Essa nova concepção da obra literária procura na organização intrínseca de seu objeto o material e o processo construtivo que conferem à obra seu estatuto de sistema particular. Nesse sentido, ao estudar as particularidades da narrativa, os formalistas preocupam-se com os elementos que concorrem para a composição do texto e com os procedimentos que organizam esse material, denominado fábula o conjunto de eventos que participam da obra de ficção, e trama o modo como os eventos se interligam. (BRAIT, 2006, p.43)

Para essa teoria, a personagem é vista como um elemento da fábula, alcançando suas particularidades de acordo com as características próprias da trama. Através dessa teoria conduzida pelos formalistas russos, que a personagem conseguiu se desprender totalmente do ser fictício/pessoa, passando a ser estudada como um ser de linguagem, atribuindo assim, personalidade própria.

### **1.1 A personagem romanesca**

Quando lemos um romance vários aspectos ficam em nós, nos deparamos com o enredo e, conseqüentemente com as personagens, diante do enredo e das personagens logo nos envolvemos no romance, pensamos na vida que vivemos, nos problemas em que se enredam e assim por diante. Segundo Candido (2005) “ O

enredo só existe através das personagens”. Ou seja, o enredo e as personagens caminham juntos, interligados um ao outro, mostrando a vida dentro do romance, os significados e valores que os anima.

Os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “idéias”, que representam o seu significado, - e que são um conjunto elaborados de técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bem elaborados. (CANDIDO, 2005, p. 54)

Percebemos que o romance possui três elementos fundamentais: o enredo, as personagens e as ideias. Como vimos anteriormente, o enredo existe através das personagens, as personagens vivem o enredo e as ideias são justamente a representação dos significados e valores do romance. Esses elementos só serão interligados e inseparáveis se o romance for bem estruturado.

A personagem tem o poder de despertar a afetividade e a intelectualidade no leitor, por todas essas características que a personagem desperta nos leitores costumamos muitas vezes perdoar graves erros no enredo e nas idéias do romance por enxergar a personagem como algo de mais vivo dentro do romance. E que segundo Candido (2005) “ isso nos leva ao erro, frequentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem [...]”.

Inúmeras vezes pensamos na personagem como o ser mais importante do romance, como se pudesse existir separada dos outros elementos que lhe dão vida. Por muitos séculos, principalmente nos séculos XVIII, XIX e XX realmente era vista como o elemento mais atuante. Candido (2005) afirma: “ só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim das contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia do romance.”

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema de verossimilhança no romance depende desta possibilidade de ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. (CANDIDO, 2005, p. 55)

Vemos mais uma vez que o romance se baseia entre ser vivo e ser fictício, que não podemos deixar de observar as diferenças e semelhanças existentes entre



ambos. Que as diferenças são tão importantes quanto às semelhanças para a criação dos sentimentos de verdades no romance. Segundo Candido (2005) “Quando abordamos o conhecimento direto de pessoas, um dos dados fundamentais do problema é o contraste entre a continuidade relativa da percepção física e a continuidade da percepção, digamos espiritual [...]”.

Diante disso percebemos que existem dois fatores que influenciam na criação da personagem: o fator físico da pessoa, suas características externas e o fator espiritual. O externo somos capazes de perceber, de identificar, é algo finito aos nossos olhos, já o espiritual, é um conjunto imenso de características, sentimentos, emoções, se tornando impossível conhecermos todos os aspectos daquele ser.

Chegando assim, a seguinte inquietação, como um ser, pode ser criado de outro ser? Se é impossível conhecer as inúmeras qualidades, virtudes e defeitos do outro. Quando observamos o fator espiritual, notamos que não podemos conhecer totalmente o lado interno da outra pessoa. Segundo Candido (2005) “concluímos que a noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, e que o conhecimento dos seres é fragmentário. ”

No romance, o autor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições de conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem, mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo de ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa que nós. (CANDIDO, 2005, p. 58)

A personagem mesmo não sendo a representação fiel da pessoa, mesmo sendo fragmentária, incompleta, não deixa de ser profunda. O autor estabelece uma relação coesa e lógica própria da personagem, diferente da pessoa humana que pode mudar de acordo com o tempo. Desse modo a personagem vai seguir esse cronograma de coerência, se tornando mais fixa e coesa que a figura humana.

Bakhtin (1992) em sua obra também defende que o nosso externo não contempla o real, que não podemos retratar o real observando apenas o externo da pessoa, através dessas características que estão visíveis aos nossos olhos, Bakhtin (1992) afirma: “Minha imagem externa, isto é, todos os elementos expressivos do

meu corpo, sem exceção, é vivenciada de dentro por mim; é apenas sob a forma de extratos, de fragmentos dispersos [...].

É sugerir que a observação da realidade só comunica o sentimento da verdade, no romance, quando todos os elementos deste estão ajustados entre si de maneira adequada. Poderíamos dizer que a verdade da personagem não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, com modelos propostos pela observação, interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada. Depende, antes do mais, da função que exerce no romance, de modo a concluir-mos que é mais um problema organização interna que de equivalência à realidade exterior. (CANDIDO, 2005, p. 74-75)

Portanto, o aspecto da verossimilhança depende da organização, da estética; mais importante para o romance são os elementos que o formam. A criação do real só é de fato infalível se for organizada em uma estrutura coerente, Candido (2005) afirma: “ a vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, ideias”.

Candido nos mostra que a personagem não é o item mais relevante do romance, mas que o sucesso da personagem depende do conjunto da obra, a personagem para se tornar viva necessita de outros componentes para sua criação, precisa está dentro de um contexto, inserida de forma coerente junto com os demais aspectos da estrutura do romance.

## **2 ANÁLISE DA PERSONAGEM CONCEIÇÃO**

### **2.1 Autora e obra**

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza-CE, em 17 de novembro de 1910, filha de Daniel de Queiroz Lima e Clotilde Franklin de Queiroz. Devido a grande seca que alastrava a região em 1915, Rachel e sua família viajaram para o Rio de Janeiro com o intuito de fugir da grande seca. Depois da sua volta para Fortaleza, ingressou no colégio Imaculada Conceição, onde se tornou professora em 1925.

Além de professora, foi também, jornalista, romancista, cronista, tradutora e teatróloga. Foi a primeira mulher a entrar na Academia brasileira de Letras, em 1930 com apenas 20 anos de idade publicou o seu primeiro romance “O Quinze”, o maior

sucesso da autora, uma obra de caráter social, profundamente realista, a luta de um povo para vencer a seca e a miséria. Embora no início da publicação tenha sofrido com algumas críticas, como Rachel de Queiroz e Maria Luíza Queiroz (1992) afirma:

O Quinze foi publicado em Agosto de 1930. Não fez grande sucesso quando saiu em Fortaleza. Escreveram até um artigo falando que o livro não era impresso em papel inferior não dizia nada de novo. Outro sujeito afirmando que o livro não era meu, mas do meu ilustre pai Daniel de Queiroz. E isso tudo me deixava meio ressabiada. (QUEIROZ, 1998, p. 31)

Podemos perceber que Rachel para alcançar o respeito merecido passou por momentos difíceis, surgiram críticas negativas, mas não enfraqueceu, lutou pelo reconhecimento, pela valorização da sua obra. Rachel de Queiroz (1998) afirma: “Depois veio uma carta autografada do próprio Graça Aranha muito entusiasmado [...] foram pipocando notas de artigos, tudo muito animador. No Ceará, não. Não me lembro de nenhuma repercussão. Depois, quando a casa virou é que começou a pegar por lá”.

Depois de passar por diversas situações constrangedoras em relação ao seu livro, depois de batalhar pelo mérito da sua obra, Rachel conseguiu que “O Quinze” alcançasse o auge do sucesso, sendo consagrado com o prêmio da fundação Graça Aranha. Podemos ver que no início foi difícil, que depois da publicação surgiram muitas críticas nos jornais, mas sua obra era algo inovador, diferente do tradicional e recebeu o devido valor pelo belíssimo romance.

O Quinze foi publicado em agosto de 1930, baseado na grande seca que a própria autora enfrentara quando ainda era criança, em 1915, e que tanto ouvira falar no decorrer dos anos. O nordeste sofria com a falta de chuva, com a seca, a fome, o nordestino se abatia de tristeza por ter que deixar seu cantinho em busca da sobrevivência. Nesse período de seca muitos saíram do nordeste para outras regiões como, norte e sudeste para não morrerem de fome e sede.

A autora situa a história no interior do Ceará, na cidade de Quixadá no ano de 1915. O romance é dividido em 26 capítulos, com duas partes distintas: o amor irrealizado de Conceição pelo seu primo Vicente e a dura saga da família de Chico Bento após Dona Maroca abrir as porteiras e soltar o gado, deixando assim Chico Bento desempregado, e dando início a uma longa jornada a pé em busca de chegar na região Norte.

Mesmo tratando em seu romance de uma temática social, a autora não faz uma separação de classes entre “pobres e ricos” para desvelar culpados para tanto sofrimento, podemos perceber isso na personagem Conceição que pertence aos dois mundos. O romance é narrado em 3º pessoa, sendo um narrador onisciente. A linguagem utilizada por Rachel de Queiroz é uma linguagem simples, de fácil entendimento, o romance é marcado por frases curtas e precisas.

## **2.2 Conceição: uma personagem redonda**

Como já mencionamos anteriormente, Forster iniciou um estudo para analisar o romance e a personagem de ficção, classificando-as em planas e redondas. Diante dessas concepções, após estudarmos a personagem Conceição, podemos classificá-la como personagem redonda, devido a sua complexidade, suas tendências e sua capacidade de surpreender o leitor no decorrer do romance.

A personagem Conceição, neta de Dona Inácia, morava em Fortaleza, havia ido morar na capital deixando sua avó na fazenda do Logradouro para terminar os estudos de normalistas. Queiroz (2009) afirma: “Todos os anos, nas férias Conceição vinha passar uns meses com avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe) no Logradouro, a velha fazenda da família, perto de Quixadá”.

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com dezoito anos e o tempo de normalista, dizia alegremente que nascera solteirona. (QUEIROZ, 2009, p. 13)

Mãe Inácia se afobava logo quando Conceição comentava que não queria casar, que não nascera para casar, uma mulher pensar dessa forma naquela época era algo assustador. A visão sobre a mulher naquele período era que deveria se casar, ter filhos e cuidar da casa, nada mais além disso. Conceição tinha outras ideias, pensamentos diferentes da sua avó e da sociedade daquele tempo. .

Conceição pensava diferente das moças da sua idade, não idolatrava ou sonhava com uma paixão, com o tão esperado casamento igual às moças daquele tempo; que desde muito novas procuram, se preparam para o sagrado matrimônio. Conceição recusava-se a sucumbir ao matrimônio, não tinha em seus conceitos o casamento como algo relevante em sua vida.

- Só eu sempre ando só! Tinha que ver, de cada vez que fosse à escola, arranjar companhia... – pois eu pensei que não se usava uma moça andar só, na cidade. Dona Inácia ajuntou: agora é assim... eu também estranhei... Conceição continuava a rir; Mas é porque sou uma professora velha, que vou para meu trabalho! (QUEIROZ, 2009, p. 80)

No fragmento acima podemos observar uma conversa de Conceição e seu primo Vicente, onde Vicente homem rude, do campo, ignorante e tradicionalista e Conceição intelectual, com um pensamento socialista, sem submeter ao homem por ser mulher, discordando do primo ao admirar-se por ela andar sozinha pelas ruas da cidade, para Conceição não existiam problemas em voltar sozinha da escola para a sua residência, repudiando a ideia de precisar de alguém todos os dias para voltar a sua casa.

Podemos observar que a personagem Conceição está à frente do seu tempo, quebrando os paradigmas que a mulher deve depender do homem para resolver os assuntos fora do lar e que deve submeter-se aos serviços domésticos, Conceição sem dúvida é uma personagem revolucionária para as lutas feminicistas por direitos e igualdade de gênero. Uma personagem fictícia, mas que possui aspectos tão inovadores.

Saia de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola ia para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros. E só chegava de tardinha, fatigada, com os olhos doloridos de tanta miséria vista, contando cenas tristes que também empanavam de água os óculos da avó. (QUEIROZ, 2009, p. 77)

Mesmo sendo criada pela avó, dentro de um padrão tradicionalista, conseguiu estudar e se tornar professora. Observamos então, Conceição possui um vasto conhecimento de mundo, conseguindo assim, dialogar com os retirantes e sensibilizar-se com a dor e a miséria vivenciada por esse povo. Dedicando boa parte de seu tempo para ajudar essas pessoas famintas e tão sofridas que chegavam ao Campo de Concentração.

A personagem Conceição ao invés de prender-se aos trabalhos do lar, as prendas domésticas, a espera de um casamento, era independente, trabalhava e, ainda, ajudava nas causas sociais, atitudes ousadas para uma mulher naquele

tempo, mas que a personagem tinha coragem de lutar pelos seus ideais, dedicando-se ao seu trabalho de professora e em ajudar no Campo de Concentração.

Foi Conceição quem os descobriu, sentados pensativamente debaixo do cajueiro: Chico Bento com os braços cruzados, e o olhar vago, Cordulina de Cócoras segurando um filho, e um outro menino mastigando uma folha, deixando escorrer-lhe pelo canto da boca um fio de saliva esverdeado.(QUEIROZ, 2009, p. 93)

Quando a família de Chico Bento chegou ao Campo de Concentração se deparam logo com Conceição, que os ajuda, colocando-os em um lugar “melhor”, naquele ambiente triste e cheio de miséria, prometendo para Chico Bento ajudá-lo a conseguir um emprego ou algum bico para que não dependessem apenas das migalhas oferecidas pelo governo aos retirantes.

A moça não media esforços para conseguir o que almejava, não esperava por ninguém, sempre disposta a ajudar os mais necessitados com toda força e dedicação para realizar os seus objetivos. Da mesma forma que dialogava com os retirantes, também, não se acanhava em falar com as autoridades, sempre lutando, mostrando ser um ser humano preocupado com o bem estar do outro. Queiroz (2009) afirma:

Um emprego qualquer... Há de se dar um jeito! Duro e seco na sua cadeira, Chico Bento ouvia. Depois, lentamente, lembrou.- E o Tauapecomadre?Conceição acolheu com calor aquela lembrança oportuna:- Ah! O Tauape! Lá Naturalmente, é fácil de se arranjar! Chico Bento retificou: - Fácil não era não... Que ele tinha visto muitos, bem recomendados, voltando porque não tinha mais ferramenta. – Só se a comadre arranjasse um cartãozinho do Bispo... – Pois eu vou no palácio do bispo! Fique certo. Vou e arranjo. Mais um ou dois dias e você está no Tauape... (QUEIROZ, 2009, p. 104)

Conceição além de sensibilizar-se com o sofrimento dos retirantes no geral, com a família de Chico Bento existia um carinho familiar, pois, a moça era conhecida e comadre de Chico Bento e Cordulina, o casal havia chamado Conceição para ser madrinha do filho Manoel (Duca). Entristecida com a dor, a fome da família, chegando o momento em pedira a Cordulina para Criara o menino.

A moça era madrinha de Duca, ao se deparar com tamanho sofrimento, vendo a situação lastimável de toda a família, pede para criá-lo. Um fato bastante inusitado, mais uma vez mostrando que Conceição veio para revolucionar os

padrões tradicionalistas desse tempo, não pensava em casar, participava das causas sociais, e, agora, criara um filho que não era seu, sem ter um marido, nos mostrando o quanto era independente.

Rachel foi muito ousada em criar uma personagem com tantas características, ideias inovadoras sobre a postura da mulher, independente, em busca de direitos iguais, sem diminuir-se para a figura masculina, mesmo vivendo em uma época que a sociedade não possuía tal visão sobre a mulher. Como sabemos, nos dias atuais ainda sofremos com preconceito, imagina naquela época.

Alguns estudos já abordaram a ideia que Conceição é a própria representação de Rachel de Queiroz, se pararmos para pensar, fazer uma comparação entre ambas, podemos perceber inúmeras semelhanças entre a personagem e sua criadora. Rachel foi a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras, alcançou um importante título para as conquistas femininas, pois, antes apenas homens participavam da Academia.

Como sabemos a mulher no Brasil era formada pela ordem patriarcal, submetida ao pai, depois ao marido, visto como um ser frágil, por isso o fato de se destinar apenas as tarefas domésticas. No entanto, a autora rompe com esses padrões tradicionalistas, colocando na sua obra a personagem Conceição independente e corajosa, uma personagem feminina à frente do tempo.

Sem dúvidas Rachel contribuiu para a escrita para o desenvolvimento da literatura brasileira feminina, onde a mulher deixa de ser esse ser frágil e passa a vivenciar o sofrimento imposto pela seca e a lutar pelas causas sociais. Uma autora feminina que trouxe uma escrita literária inovadora, quebrando os parâmetros do patriarcalismo.

Desta forma vemos o quanto são parecidas, nos ideais, habilidades, engajadas pelas mesmas causas, enfim, inúmeras características que nos fazem comparar Conceição como uma representação da própria autora. Desse modo a personagem Conceição teria sido criada a partir do psicológico da autora, um reflexo da maneira de ser de Rachel.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo nos mostrou que a personagem é definida de diferentes formas, abordamos o conceito de verossimilhança de Aristóteles, no qual, definiu como princípio fundamental da poética não é mostrar a realidade, mas, os recursos utilizados na construção da obra. Diante disso, conduzindo para o conceito de personagem, o autor colocará em suas obras apenas o que a realidade lhes permite, que só será possível através dos recursos utilizados pelo autor para a criação da personagem.

Podemos então perceber que em meados do século XVIII a estética clássica perde sua força, passando por várias reformulações e o romance nesse período alcançou um destaque maior, no entanto, essa concepção entrou em declínio com o aparecimento de um novo conceito, que a personagem seria uma representação do psicológico do autor, através dessa concepção deixamos de ver a personagem como uma imitação do real, do mundo exterior e passamos a vê-la como uma representação da forma de ser do autor.

Em seguida compreendemos que Forster trouxe uma nova concepção, a personagem passou a ser vista como parte da obra, classificando-as em planas e redondas; as planas são as personagens simples, construídas em cima de uma única ideia e as redondas são as complexas construídas com inúmeras qualidades. Depois, Muir começou analisar o romance, a personagem, como parte da estrutura da obra, tentando dissociar a personagem do mundo real. No entanto, com todos os argumentos de defesa Muir não conseguiu separar o ser fictício/ pessoa.

Por fim, segundo Candido a personagem não pode existir separada dos outros elementos do romance, a personagem só ganha um verdadeiro significado dentro do contexto. Candido e Bahktin defendem a ideia que um ser criado a partir de outro será sempre incompleto, fragmentário, mas, não é por isso que vai deixar de ser profundo. Portanto, o aspecto de verossimilhança depende da estética, da organização da obra, dos elementos que formam o romance.

No segundo capítulo do artigo podemos compreender a personagem Conceição criação da autora cearense Rachel de Queiroz, como um ser à frente de seu tempo, uma mulher intelectual, independente que rompeu com as barreiras do tradicionalismo daquela época. Ao contrário das moças daquele tempo, que se



preparavam para o sagrado matrimônio, Conceição estudou, se tornando uma pessoa leiga, com um vasto conhecimento de mundo, com ideias socialistas.

Através desse artigo compreendemos que a estudos que abordam o aspecto da personagem Conceição ser a própria representação da autora, que existem entre ambas inúmeras semelhanças entre a criadora e a sua criação. Diante disso, retomamos ao critério das definições de personagem, que Conceição teria sido criada então a partir da representação da sua autora, ou seja, da forma de ser de Rachel de Queiroz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OSWALD & TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8°. Ed. São Paulo: ática, 2006.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 11°. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2°. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

QUEIROZ, Rachel. **Tantos anos**. 1° Ed. São Paulo: Siliciano, 1998.

\_\_\_\_\_. **O quinze**. 86°. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

SCHULER. Donaldo. **Teoria do romance**. 1°. Ed. São Paulo: ática, 2000.

COUTINHO. Afrânio. **Notas da teoria literária**. 1°. Ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1976.

SAMUEL. Rogel. **Manual da teoria literária**. 2°. Ed. Petrópolis: vozes, 1985.